

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

CAROLINE P. SALGUEIRO

**NEOLEITORES EM AMBIENTE DIGITAL: USANDO TECNOLOGIAS PARA
RECRIAR TEXTOS LITERÁRIOS NO ENSINO MÉDIO**

PORTO ALEGRE

2013

CAROLINE P. SALGUEIRO

**NEOLEITORES EM AMBIENTE DIGITAL: USANDO TECNOLOGIAS PARA
RECRIAR TEXTOS LITERÁRIOS NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador: Evandro Alves

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Profa:
Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa:
Liane Margarida Rockenbach Tarouco

“O processo de leitura possibilita essa operação maravilhosa que é o encontro do que está dentro do livro com o que está guardado na cabeça.”

(Ruth Rocha)

DEDICATÓRIA

*À Carmem, minha mãe,
porto do meu corpo, paz do meu
espírito e aconchego de minha alma.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Ao Arquiteto do Universo, Deus, pela minha existência;

Aos meus familiares, pela compreensão dos momentos em que me fiz ausente;

Aos meus alunos, inspiração e fonte de pesquisa;

A minha colega, Taninha, grata por sua companhia durante o curso e as viagens intermináveis;

Ao meu amor, Eduíno, pelo incentivo.

A todos o meu mais sincero: obrigada.

RESUMO

Este trabalho apresenta a adaptação do conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, realizada por alunos do ensino médio, para ambiente digital, realizado por / para o público neoleitor. No atual contexto educacional é visível a dificuldade da leitura literária, bem como o desenvolvimento da escrita. Levando-se isso em consideração, os avanços e a propagação das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação), no cenário educacional, essas são ferramentas importantes para sanar tal dificuldade. As amostras da avaliação realizadas pelos alunos, ao término da adaptação, evidenciam que os alunos leem, gostam de ler e acima de tudo produzem desde que haja interação com o texto lido. Para isso, realizou-se um estudo exploratório e para embasamento teórico desse trabalho utilizou-se os seguintes teóricos: Chartier, Lévy, Bakhtin, entre outros. Este trabalho, portanto, poderá colaborar, futuramente, para com outros professores que também tenham preocupação com a aquisição da leitura e da escrita, em ambientes digitais.

Palavras-chave: leitura, escrita, adaptação, neoleitores, ambiente digital

ABSTRACT

The adaptation of the tale Felicidade Clandestina (Happiness Clandestine) by Clarisse Lispector that is currently being presented, is performed by high school students for the digital environment, aiming and held by / for the public neoreader. In the current educational context the difficulty of literary reading is visible, as well as the development of writing, taking this into consideration, the progress and spread of ICTs (information and communication technology) in the educational setting, these are important tools to remedy such difficulty. Samples of the assessment performed by the students at the end of the adaptation demonstrate that students read, love to read and above all, produce, since there is interaction with the text read. For this we carried out a scoping study and theoretical foundation of this work which utilized the following theorists, among others. This work, therefore, can collaborate in the future for the acquisition of reading and writing in digital environments.

keywords: reading, writing, adaptation, neoreader, digital environment

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BR	Brasil
INAF	Índice de Analfabetismo Funcional
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Trecho do vídeo resultante da adaptação do conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector. Grupo Morango.....38

Figura 2: Meme com corpo de Stick, para representar personagem da adaptação de “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector. Produção do Grupo Morango. 38

Figura 3: Imagem da adaptação envolvendo software como comic life e o photoshop. Grupo Lima
..... 42

Figura 4: – Imagem da adaptação envolvendo power point e imagens da internet Grupo Banana.....43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 REVISÃO TEÓRICA	16
1.1 Ensino de Literatura no Ensino Médio	16
1.2 Leitura e Tecnologias: Neoleitores	19
1.3 As possibilidades da literatura no encontro com as tecnologias: uma abordagem a partir da perspectiva de M. Bakhtin.....	26
2 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA E METODOLOGIA	30
2.1 Objetivo Geral:	30
2.2 Objetivos Específicos:.....	30
2.3 Questões de pesquisa:	30
2.4 Metodologia.....	31
2.5 Contextualização da Experiência	31
2.6 Princípios Metodológicos	32
2.7 Procedimentos metodológicos	33
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	36
3.1 O processo de adaptação do conto Felicidade Clandestina pelos alunos: um relato da dinâmica do processo	<u>36</u>
Situação 1: a reescrita do conto “Felicidade Clandestina” pelos alunos: um relato da dinâmica do processo pelo grupo morango	37
Situação 2: as demandas tecnológicas a partir da proposta	40
Situação 3: a avaliação dos alunos.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

ANEXO A	52
ANEXO B	53
ANEXO C.....	55
ANEXO D.....	56
ANEXO E	58
ANEXO F.....	61
ANEXO G	65

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a educação passou por grandes modificações. Antigamente, o conhecimento era transmitido apenas de forma oral, como faziam os filósofos. Platão reunia seus discípulos em um pátio ao redor de uma fogueira e ali os questionava. Com o passar dos séculos, chegou-se à educação bancária em que apenas os professores eram os detentores do todo o saber.

Atualmente, a sociedade se apresenta num estágio de desenvolvimento técnico, científico e intelectual. Este por sua vez, exige algumas adaptações, de caráter econômico, político, social, entre outros. O setor da educação é bastante atingido por tais transformações, acompanhando o recente desenvolvimento científico, tecnológico e intelectual da sociedade contemporânea. Por este motivo, a informação pode ser adquirida através de meios diferentes dos utilizados na antiguidade. Estes meios se enquadram em novas mídias que podem ser denominadas por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), bastante presentes e acessíveis para a população em geral.

Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2008), o vocábulo mídia significa: “sf. 1. Designação genérica dos meios, veículos e canais de comunicação, como por exemplo, jornal, revista, rádio, televisão, *outdoor*, etc.”. Pelo conceito do dicionário, entende-se por mídia o meio através do qual se propaga as informações. Tais informações podem ser impressas, eletrônicas ou digitais, como programas de rádios, computadores multimídia, internet, celular com câmera digital, vídeos, jornais e revistas nas versões impressas ou *on-line*. Tais mídias têm como veículo de propagação as tecnologias presentes atualmente, as quais inclui o rádio, a televisão, câmeras e filmadoras digitais portáteis, entre outros.

Segundo Belloni (2009, p. 7), “a penetração destas ‘máquinas inteligentes’ em todas as esferas da vida social é incontestável: no trabalho e no lazer”. Nesse sentido, compreende-se que as novas mídias na educação são um caminho sem

volta, pois essas fazem parte do cotidiano da grande maioria da população. Dominar tais tecnologias ou mesmo ter uma noção de seu funcionamento faz parte da sociedade contemporânea, o que de certa maneira força a adaptação da população a esta realidade das mídias presentes. Embora as novas mídias e os diversos meios de tecnologia atuais estejam presentes de maneira expressiva no cotidiano de boa parte da população, observa-se que a efetivação das TICs e das novas mídias no setor educacional é um grande desafio.

Diante disso, o ato de ler também sofre constantes transformações. Isto porque a sociedade atual apresenta um novo público leitor, isto é, os neoleitores. Este trabalho tem, portanto, como objeto de estudo analisar se a leitura digital interfere na aquisição e na qualidade da leitura dos neoleitores.

Levando-se em consideração o que foi mencionado, este trabalho tem como objetivo apresentar e conceituar os neoleitores. Além de apresentar uma prática pedagógica que foi realizada com alunos do Ensino Médio, a qual adaptou a obra *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector para o ambiente digital, observando assim o processo de autoria.

Em virtude disso, o Capítulo 1 apresenta como se dá o ensino de Literatura no Ensino Médio, bem como a leitura e as tecnologias voltadas para os neoleitores e ainda traz as possibilidades da literatura no encontro com as tecnologias levando em consideração a perspectiva de Mikhail Bakhtin.

Já o Capítulo 2 citam os objetivos, os quais direcionam o trabalho, bem como as questões que norteiam a pesquisa. No quarto capítulo procura-se contextualizar a pesquisa, apresenta-se os princípios e os procedimentos metodológicos.

No Capítulo 3, são apresentados e discutidos os dados obtidos na pesquisa. Nessa sessão, comenta-se a dinâmica da prática pedagógica realizada, que consistiu na adaptação e recriação do conto *Felicidade Clandestina*. Quanto à apreciação dos trabalhos, faz-se análise de um recorte referente à produção de um dos grupos envolvidos nesta prática, autodenominado "morango". Apresenta-se também a discussão sobre a reescrita do conto, a partir da comunicação verbal e

outras mídias, as demandas tecnológicas que tal adaptação exigiu e a avaliação dos alunos das adaptações produzidas por eles.

E por fim, realizam-se algumas considerações finais do trabalho, refletindo sobre os resultados do estudo, suas limitações e perspectivas futuras de investigação.

1 REVISÃO TEÓRICA

1.1 Ensino de Literatura no Ensino Médio no contexto das mídias

A humanidade sempre precisou comunicar-se. No princípio, através de mímica, da imitação. Assim, iniciava-se a organização dos sistemas de comunicação. No desenvolvimento deste processo, inicialmente, vieram as pinturas, os desenhos nas cavernas e nas pedras no período pré-histórico. Por conta do desenvolvimento do comércio entre os povos da Antiguidade, vieram os primeiros registros e sua necessidade tornou-se cada vez mais premente. Com o tempo, foram-se criando diferentes formas para realizar estes registros (BRASIL, 2012). Historicamente, registra-se na Mesopotâmia, 6.000 atrás, o primeiro sistema de escrita, desenvolvido pelos sumérios, com base pictográfica, nas quais figuras eram utilizadas para representar cada objeto. Esse sistema de escrita será base tanto para códigos escritos ideográficos, utilizados no Oriente, sobretudo China e Japão, bem como, no Ocidente, do desenvolvimento do sistema de escrita alfabético (BRASIL, 2012).

Salienta-se que, no desenvolvimento do sistema alfabético, inicialmente os silabários, em que sinais específicos surgem para representar as sílabas. Os fenícios aprimoram a ideia, criando um número reduzido de caracteres para representar os sons consonantais, sendo base para códigos alfabéticos como o hebraico. Em outra vertente, com a chegada do sistema fenício à Grécia, mais aprimoramento: além dos caracteres consonantais, criam-se também registros, referentes aos sons vocálicos: a junção dos dois tipos de caracteres representam a sílaba. Assiste-se, assim, por volta do ano VIII a.C. o surgimento de um código escrito alfabético em senso estrito, base do desenvolvimento da escrita utilizada no mundo ocidental (BRASIL, 2012).

O desejo de preservação e registros mais perenes do que a oralidade levaram a outro processo, o desenvolvimento de suportes para a escrita. Os primeiros registros, nos tempos pré-históricos, eram feitos nas cavernas. Depois, em função da mobilidade e da portabilidade, os registros passaram a ser realizados em outras superfícies.

Com a escrita, surgem os primeiros livros. Os primeiros foram encontrados na Mesopotâmia, há 5.000 atrás, feitos de barro. Eles eram escritos, então em materiais de suporte variado, conforme a disponibilidade do material e a técnica desenvolvida por cada povo: poderiam ser feitos de materiais rígidos, como argila, madeira metal, osso ou bambu. Neste caso, os livros eram feitos em lâminas ou placas separadas. Contudo, outros povos desenvolveram materiais mais flexíveis para suportar a escrita: dentre os materiais, destaca-se o papiro, desenvolvido no Egito, a partir da trama da planta de mesmo nome; o pergaminho, produzido a partir do couro.

Com o desenvolvimento da civilização ocidental, do pergaminho em couro evoluiu-se para o livro impresso. Este foi feito inicialmente de forma artesanal, letra a letra, através do trabalho dos copistas e, posteriormente, em xilogravura, ao final da Idade Média. A inserção de processos vindos da China na Europa ao longo da Idade Média, como o da fabricação papel, a partir do século VIII, e os processos de impressão, ao longo do século XV, fizeram com que Guttenberg, articulando e aprimorando ambos os processos, tornasse-se o pai da tipografia moderna em 1456, com a publicação da primeira bíblia impressa com tipos móveis (TOSSERI, 2010). Após veio a litografia desenvolvida por Alois Senefelder, já no século XVIII, que possibilitou um avanço na publicação de imagens e textos até chegar, atualmente, nos editores de textos, nas fabulosas máquinas de impressão, nos *designers* dos livros impressos e digitais.

Mudam os sistemas de escrita, desenvolvem-se novos suportes e, por conseguinte, a prática de leitura não poderia se manter inalterada. Comentando sobre as modificações dessas práticas frente ao texto eletrônico, analisa Chartier (1999, p. 12):

A inscrição do texto na tela cria [...] uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso [...].

Na verdade, há uma evolução do suporte de leitura. E essa evolução traz consigo um certo impacto nas formas de leitura. Além disso, essas mudanças

implicam no comportamento dos leitores na contemporaneidade. Sobre esses aspectos, declara Chartier (1999, p. 17):

vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados.

Esse imaginário citado por Chartier, da conta das inúmeras possibilidades que um ambiente digital oferece. Hoje se lê as notícias do dia sem precisar esperar o jornaleiro entregar o jornal, consulta-se a previsão do tempo em tempo real. Fala-se, vê-se, escreve-se, comunica-se com uma pessoa que esteja em qualquer parte do mundo, desde que esta também esteja conectada. “E poder-se-á ler sem sair de casa, porque os textos virão ao leitor [...]”. (CHARTIER, 1999, p. 144)

Tais mudanças deveriam implicar, por sua vez, modificações no processo de ensino-aprendizagem. Considera-se o ato de ler, o que pode tirar um sujeito do anonimato, ou indo mais além, é o que pode quebrar os grilhões do desconhecido. A leitura abre caminhos, liberta o pensamento e o senso crítico. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006) declaram que a área das Linguagens, a Língua Portuguesa, nesta etapa, deve proporcionar aos alunos a construção gradativa, bem como o refinamento nas habilidades referentes à leitura, à escrita, à fala e à escuta. Para isso, é importante apresentar o universo da leitura de forma ampla e aberta.

Para promover tal inclusão crítica no aprendizado da leitura, cabem reflexões sobre seu ensino a partir das novas possibilidades de inserção na cultura letrada que, na contemporaneidade, deve considerar outras formas de contato com a leitura que não simplesmente pelo código escrito de forma “livresca”. Esse novo tipo de contato, no qual a leitura se realiza entrecortada pela convergência com outras mídias: animações, vídeos, imagens e outras, mediadas pelas tecnologias digitais, deveria potencializar outras práticas de leitura, outras formas de lidar com o texto escrito.

Da mesma forma, esse novo tipo de contato com a leitura, essa nova prática de leitura, demandaria outras competências ao sujeito que com ela toma contato, de maneira que não se poderia considerá-lo da mesma forma que o "leitor" de livros

impressos. Tais demandas levam a se pensar nesse sujeito como um "neoleitor", um sujeito que aprende a ler neste contexto contemporâneo. As características do entendimento dos "neoleitores", aqueles que se colocam diante do texto de outra forma que os "leitores" de livros impresso, serão mais bem detalhadas ao longo deste trabalho.

Por ora, cabe salientar que, em se considerando os alunos como "neoleitores", deveriam igualmente ser consideradas proposições de práticas pedagógicas do ensino da Língua Portuguesa, de forma geral, e da Literatura, em específico, de forma que se pensem estratégia do ensino da leitura em ambiente digital que se adequem a essas novas necessidades. Compartilha deste pensamento Perrenoud, ao afirmar que (2000, p. 139) "as novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas".

Tiepolo (2010) bem como Chartier (1999) acreditam que a forma de apresentação do texto também contribua para que o neoleitor desenvolva a hábito e a habilidade da leitura. De acordo com a autora, o uso de recursos gráficos, parecidos com os que são usados na literatura infanto-juvenil, adequam-se aos neoleitores, visto que apresentam letras maiores e claras, é rico em imagens, bem como apresentam "hipertextos explicativos" (TIEPOLO, 2010, p.11). O presente trabalho, caracterizado como estudo exploratório, pretende contribuir neste sentido, de pensar estratégias de ensino da Língua Portuguesa e da Literatura no contexto dos neoleitores e analisar os efeitos, em termos do que pode ser produzido/visibilizado a partir desta experiência.

2.2 Leitura e Tecnologias: Neoleitores

Vivemos em um contexto educacional em que grande parte da população leitora, ou considerada leitora, apresenta dificuldades em compreender aquilo que lê. Há dificuldade de interpretar, de fazer inferências no texto lido. Segundo os números do Índice de Analfabetismo Funcional (INAF) (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2012), ainda que tenhamos, ao final do Ensino Médio, um índice de 92% da

amostragem considerada alfabetizada funcionalmente, em registro básico e pleno, somente 35% tem alfabetismo pleno. A partir deste dado, pode-se pensar que, em 2012, menos de 40% dos alunos em final de **Ensino Médio não dominam as habilidades básicas para “compreender e interpretar textos usuais: leem textos mais longos, analisam e relacionam suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses”** (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2012), o que caracteriza a pessoa alfabetizada em nível pleno.

Além das dificuldades apontadas no parágrafo anterior, há de se considerar que a leitura de textos escritos passa por uma transformação. Hoje não se lê somente em textos impressos, mas sim na tela do computador. Práticas condizentes com esta realidade devem ser elaboradas para elevar a qualidade da prática de leitura no Ensino Médio, quer realizada em meio impresso ou digital. Uma indicação neste sentido é que os laboratórios de informática presentes nas escolas podem ser dimensionados, em termos pedagógicos, como ambientes digitais de aprendizagem (AVA). De acordo com Jonassen (1999, et al apud PASSERINO; SANTAROSA, 2007), esse ambiente

constitui-se num espaço no qual os sujeitos participam de um processo construtivista de ensino aprendizagem, caracterizando-se por ser **ativo**, no sentido de permitir o controle do processo pelo aluno, **construtivo**, no sentido do aluno poder construir seus próprios modelos mentais.

Entende-se, assim, que o ambiente digital de aprendizagem, nesse contexto, não oferece a simples leitura, mas também a possibilidade de reflexão/ação com o texto que se lê. As características do sujeito nos ambientes digitais de aprendizagem, ativo e construtivo, são compatíveis com o delineamento do perfil do que denominamos de “neoleitores”, ativos e construtivos na interação com a leitura no contexto da convergência das mídias em meio digital.

Isso porque a leitura nesse contexto parece trazer possibilidades na interação com a escrita e o fomento à prática de leitura distintas da existente em meio impresso. Essas possibilidades dizem respeito à flexibilidade, isto é, aquele que lê em ambiente digital tem a autonomia de intervir no texto que está lendo, porque este se apresenta de forma **dinâmica** e num ambiente dotado de dinamismo, também

oportuniza envolvimento com texto lido. A leitura em ambiente digital rompe com o engessamento que muitas vezes o texto impresso apresenta.

Corroborando com este pensamento, Chartier (1999, p. 13) afirma que no contexto do texto eletrônico

[...] fronteiras [entre leitura e escrita] não são mais tão radicalmente visíveis [...] a possibilidade para o leitor embaralhar, entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica [...] a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

Entretanto, esse movimento existirá se o professor inserir em suas práticas pedagógicas atividades de leitura em ambiente digital. Não se trata apenas de trocar a velha pela nova forma de leitura, mas sim de pensar a possibilidade desse neoleitor também ver-se como um autor, dele próprio produzir o que ler, e não ser apenas um leitor-receptor, mas um leitor crítico, capaz de fazer inferências, de interagir, de adaptar, de escrever textos. Parece que o ambiente digital permite, de forma mais ágil, o brincar com a arte de escrever, de intervir no já escrito, de reescrever.

De acordo com Perrenoud (2000, p. 128) “ler na tela torna-se uma prática social corrente, e os hipertextos são, agora, escritos sociais tão legítimos quanto os documentos impressos”. O mundo globalizado, no qual a leitura do texto eletrônico se insere, demanda por adaptações às novas formas de aprendizagem. Ler na tela do computador é apenas uma de muitas outras mudanças que o setor educacional terá que inserir nas práticas pedagógicas cotidianas.

Neste sentido, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006, p. 29) apontam que a escola tem “o desafio de criar condições para que os alunos construam sua autonomia nas sociedades contemporâneas – tecnologicamente complexas e globalizadas”.

Levando-se em consideração esses apontamentos, entende-se a necessidade de desenvolver a autonomia nos alunos através de seus textos escritos e suas leituras, tendo-se em boa conta todo o conhecimento de mundo que o aluno traz. Essa leitura vem da oralidade, da vivência, das experiências ao longo da vida. Respeitar o que o aluno traz, propor novas formas de leitura e abrir espaço para a

criação e a inventividade. Assim, possivelmente, se formará um leitor, e conseqüentemente uma sociedade leitora. Talvez mais apta às novas demandas que o desenvolvimento das tecnologias traz à questão da leitura e à formação de leitores. No entanto, da mesma forma que o modo de leitura sofre transformações, surge um novo público leitor, isto é, os neoleitores.

De acordo com Brasil (2012a), se faz necessária a recontextualização do papel da escola diante das demandas da sociedade atual, já que esta apresenta constantes mudanças que transformam o cotidiano. Devido a isso, a escola tem de acompanhar o desenvolvimento científico-tecnológico da nova sociedade, trazendo novos olhares para a produção de conhecimento articulado com outros espaços que, hoje, também trabalham com o conhecimento.

Esse novos olhares direcionam-se, neste trabalho, para o novo público leitor, ou seja, os neoleitores. Para Tiepolo (2009, p. 121), os neoleitores são jovens, adultos e idosos que começam a leitura de textos escritos. Mas que já dominam leitura não-verbal e que transitam em uma sociedade letrada. Levando-se este conceito em consideração, pode-se também pensar os neoleitores como crianças, jovens, adultos e idosos que iniciam a leitura de textos escritos não somente em textos impressos, mas também através do ambiente virtual de aprendizagem.

Ainda para Tiepolo (2009, p. 126) “aqueles que estão nos níveis de alfabetismo rudimentar e básico podem ser neoleitores, mesmo estando no ensino médio”. Infelizmente, esse dado revela uma realidade vivida nas salas de aula, onde se encontram os alunos, tanto do Ensino Fundamental como do Ensino Médio, que apresentam graves dificuldades no que refere-se à leitura. Essas apresentam-se por vários motivos, como: muitos não leem porque têm pouco acesso a livros, mesmo tendo bibliotecas a disposição em todas as escolas, praticamente; outros não leem porque não têm tempo, pois precisam trabalhar para ajudar no sustento familiar; e, outros não leem, justamente porque não têm o hábito da leitura. Já, de acordo, com Chartier (1999, p. 103-104), alguns jovens leem, no entanto, “são considerados não-leitores, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima”. Além de fazer leituras diversas, também circulam por diferentes ambientes de leitura, como ambiente digital.

Para isso, de acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006, p. 28) “o professor deve procurar, também, resgatar do contexto das comunidades em que a escola está inserida as práticas de linguagem e os respectivos textos que melhor representam sua realidade.” Evidentemente, que não cabe somente ao professor a responsabilidade de desenvolver o hábito da leitura.

No entanto, é na escola que, ainda em Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006 p. 24) “pode-se [...] por meio das atividades de compreensão e produção de textos, o sujeito desenvolver uma relação íntima com a leitura- escrita – fala de si mesmo e do mundo que o rodeia, o que viabiliza nova significação para seus processos subjetivos.” O ato de ler, nesse sentido, deve estar pautado em textos que ofereçam uma linguagem mais acessível, bem como proporcione a interação do sujeito com aquilo está lendo. Corroborando com este pensamento, Lévy (1993, p. 40) afirma que “é bem conhecido o papel fundamental do envolvimento pessoal do aluno no processo de aprendizagem”.

De acordo com Tiepolo (2009), neoleitores são jovens, adultos e idosos que começam sua caminhada na leitura de textos escritos. No entanto, há mais de um significado para o termo neoleitor. Segundo a professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) Eliane Yunes, em delaração ao Programa *Textos literários na formação do leitor* (2010) da Série Literatura e Neoleitor, exibida no Programa Salto para o Futuro (BRASIL, 2010), os neoleitores podem ser: crianças, jovens, adultos e idosos alfabetizados, isto é, que aprenderam a ler mais tarde; ou, àqueles que aprenderam a ler, já foram alfabetizados, mas no entanto, não usam a leitura como prática social; ou ainda, aqueles que não experimentaram a leitura como vida. Neste sentido, ao propor aos neoleitores a leitura de textos literários, deve-se levar em consideração todos os conceitos mencionados anteriormente. Antes disso, procurar ao formar esse novo público leitor, mostrar a este as mais variadas linguagens.

No mesmo Programa *Textos literários na formação do leitor* (2010), a professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Márcia Cabral declara que o professor deve ser um efetivo leitor de textos literários. Além disso, não engessar o conceito de Literatura, até porque, de acordo com esta professora “literatura pode ser aquilo que o leitor elege como literatura”. Lembra-se também que

os neoleitores sabem muito de literatura oral. O professor, portanto, deve ser um mediador, cabe a ele tentar aproximar este novo leitor dos textos, respeitando sempre o que ele já traz de leitura, levar em consideração suas experiências, sua trajetória, o que ele construiu na vida. Em virtude disso, já tem leitura, narrativas de mundo. E isso pode ser aproveitado na alfabetização, como por exemplo, considerar a construção de vida do sujeito.

Marc (2010) considera que, no contexto dos neoleitores, é importante a leitura de textos literários na sua formação, quando se pensa o sujeito leitor entre dois mundos, o universo da oralidade, da memória e o da leitura. A leitura de textos literários é possibilidade de trabalhar a reflexão do mundo de forma lúdica. Teixeira (2010), por sua vez, aponta que fazer a leitura de textos literários com os neoleitores é ampliar os horizontes, interagir na sociedade, pensar o mundo de outra forma.

Contudo, para além desses apontamentos, existe outro ponto importante a ser considerado no contexto da literatura e ad formação de neoleitores, em específico, alunos do Ensino Médio, neste trabalho: o fato de que, na interação destes neoleitores e as práticas de leitura, já estão presentes modificações derivadas da sua realização em meio eletrônico, no contexto de convergências de mídias suportadas por ambientes digitais.

A importância das tecnologias digitais, conforme aponta Lévy (1993), como uma tecnologia da inteligência, assim como a oralidade e a escrita, tem como característica operar modificações nas tecnologias anteriores. A oralidade concernente a uma apresentação se modifica na medida em que usamos um *software* de apresentação como apoio. A prática de escrita se modifica, na medida em que, mediante o teclado, todo o código alfabético se apresenta de uma só vez, não sendo necessário desenhar letra a letra. As práticas de leitura também parecem se modificar nesse contexto, conforme os apontamentos de Chartier sobre o texto eletrônico, mencionados anteriormente neste trabalho. Estratégias de ensino da língua para estas novas práticas da escrita e da leitura em meio digital se fazem necessárias. O presente estudo busca explorar algumas dessas possibilidades.

Contudo, do ponto de vista da prática docente no ensino da língua, o panorama presente nas escolas é diverso da ousadia em explorar essas novas possibilidades. Devido ao recente desenvolvimento e inserção das Tecnologias de

Informação e comunicação, as TICs, no ambiente escolar, os professores, muitos deles, sentem-se um tanto despreparados para os novos rumos que Educação encaminha-se. De um lado, observa-se professores com desejo de inovar, de fazer uso das TICs em sala de aula. Até por que, os alunos, já estão chegando à sala de aula sabendo e alguns dominando as novas ferramentas tecnológicas. No entanto, junto a esse desejo, vem intrínseco a incerteza e também a insegurança.

De outro lado, professores com medo. Medo do novo. Grande parte dos profissionais da educação não têm uma boa relação com mudanças. Evidentemente, as TICs fazem parte disso. E essa dificuldade ocorre, muitas vezes, porque o professor não possui conhecimento, por exemplo, de como ligar e desligar um computador. Há também os professores que já se lançaram a esse novo, mas que não obtiveram êxito nas atividades propostas, por não possuírem capacitação para tal e em virtude disso desistiram.

Aos fatores preponderantes que apresentam este cenário, engloba-se a falta de cursos e formações continuadas, voltadas às áreas e níveis específicos. Essa falta não se refere a não oferta de cursos, mas sim a escassez de tempo. Os professores possuem uma carga horária a cumprir de 40 ou até mesmo 60 horas de aula, o que não lhes permite tempo ou afastamento da escola para dedicar-se ao estudo. Além disso, há também o comodismo, a falta de interesse, a frustração com a Educação, tanto referente a não valorização salarial como da sociedade. Sendo que esta última delega aos professores a responsabilidade de formar os futuros cidadãos da nação brasileira. Outro fator refere-se ao ambiente escolar. Ele nem sempre favorece, facilita, colabora ou participa, e isso tanto em questões práticas quanto reflexivas.

Nesse sentido, Belloni (2009) declara que a educação está sofrendo transformações que deixam os professores perplexos e que devido a isso muitas vezes sentem-se despreparados, bem como inseguros diante da nova escola que se apresenta com a inserção das TICs. A escola ainda carrega consigo, no século XXI, um sistema educacional nos moldes do século XIX. A mudança e a adaptação, hoje, não são mais um convite, mas sim uma necessidade.

Corroborando com este pensamento, Moran (2012, p. 6) diz: “a educação avança pouco [...] porque ainda estamos profundamente inseridos [...] em processos

de ensino e aprendizagem controladores, com educadores pouco livres, mal resolvidos, que repetem mais do que pesquisam”. A educação precisa adaptar-se, ou melhor, construir um novo paradigma, o qual contemple todo ou parte desse desenvolvimento tecnológico. Mais do que adaptar-se, é imprescindível buscar a formação coletiva de um novo modelo de um novo sistema educacional.

Assim, compete aos professores, buscar aperfeiçoamento para que suas práticas pedagógicas estejam de acordo com as necessidades atuais dos alunos e dos professores também. Hoje já não há mais espaço para o docente que se vale tão somente de quadro /giz/apostila. Hoje já não há mais espaço para alunos que apenas reproduzem o que ouvem do professor. Todos esses fatores, portanto, colaboram para que a escola e os professores ainda não estejam em consonância com mudanças e adaptações que a nova escola requer. Explorar alguns aspectos dessa situação de adaptação didaticometodológica, no contexto do aprendizado da Literatura com alunos no final do Ensino Médio, considerando-os neoleitores em uma prática de leitura entremeada pelas tecnologias digitais, enfatizando o exercício da apropriação da leitura pela (re)criação e (re)escrita é do texto literário o objetivo geral deste trabalho.

2.3 As possibilidades da literatura no encontro com as tecnologias: uma abordagem a partir da perspectiva de M. Bakhtin

O estudo de Literatura, em sala de aula, sofreu transformações ao longo dos anos. No século XIX, por exemplo, aqueles que estudavam ou liam Clássicos Literários, tais como Eça de Queirós e Camões, eram considerados elite da sociedade. Hoje, infelizmente, há quem pergunte o porquê de se ter Literatura nos currículos escolares.

Sendo que a Literatura é a manifestação viva da cultura de um povo, através de suas músicas, artes plásticas, dança, a escrita, entre outros. Ou como consta nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Brasil, 2006, p. 52) “a literatura em seu *stricto sensu*: como arte que se constrói com palavras”.

Não é novidade que o hábito de leitura infelizmente não faz parte do cotidiano de grande parte da população brasileira, principalmente, levando-se em consideração os alunos do Ensino Médio. E para este resultado negativo, indubitavelmente que a escola colabora ao propor leitura de partes de obras literárias ou ainda quando, nas aulas de Literatura Brasileira, preocupa-se mais com as características de um período literário e não com a beleza estética e a riqueza de significados que a poesia, por exemplo, pode proporcionar.

Antônio Cândido (CANDIDO, 1995, p. 249 apud BRASIL, 2006, p. 54) declara que a “literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. A literatura tem um compromisso social. Ela possibilita ao leitor viajar pelo mundo, divagar nos pensamentos, ir ao ponto mais recôndito de sua alma ao ler uma poesia, por exemplo. Seus textos tanto podem trazer uma crítica social veemente, ou trazer a possibilidade da introspecção a partir da leitura de textos como os da Clarice Lispector. O importante é dessa leitura, o aluno, por exemplo, aproprie-se daquilo que está lendo, daquilo que tem direito. Mas até se chegar neste utópico patamar de leitores apaixonados por literatura, é preciso desenvolver, lá na sala de aula, o gosto pela leitura.

Cabe aqui uma breve reflexão sobre a linguagem, sendo que a manifestação viva da linguagem é representada pelo texto. Para Bakhtin (2003, p. 270), “a língua é deduzida da necessidade do homem de auto-expressar-se, de objetivar-se”. As atividades humanas estão organizadas em linguagem, pela linguagem. E essas atividades têm um sujeito que as realiza, ou seja, um enunciador de um enunciado, seja ele oral, escrito, icônico, enfim. Trazendo esses apontamentos para os textos literários, entende-se que este leitor tem perspectiva dessa atividade que está envolvido.

O enunciador produz um enunciado pensando em seu receptor, para isso a busca da linguagem, o tipo de público, nesse sentido as características da linguagem devem ser compreensíveis para o seu receptor. “O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou

parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo” (BAKHTIN, 2003 p. 271)

No entanto, toda essa riqueza de possibilidades que a linguagem nos oferece na escola tem encontrado empecilhos, pois mesmo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio propor um programa mais flexível para o ensino da língua, os currículos escolares, mais precisamente o da disciplina Língua Portuguesa, estão centrados no ensino da gramática, no conteúdo. Enquanto que deveria estar preocupado em ensinar a língua viva, na interação social com os alunos, nas atividades socioculturais.

Para trabalhar-se a ativa posição responsiva, apresentado por Bakhtin, precisará ocorrer um movimento no ensino de Língua Portuguesa, para que este sai do engessamento gramatical. Em nenhum momento, se diz que não se deve ensinar a gramática, porém que esta não seja centro. É importante priorizar o ato de ler, a leitura crítica, oportunizar momentos de leitura em sala de aula, não apenas para avaliação, para um retorno de resposta pré-elaboradas, mas sim a leitura em que o leitor apropria-se do texto lido.

Levando-se em consideração a contextualização da linguagem, deve-se também pensá-la sobre o viés da tecnologia, a qual nos oferece uma base para que possa-se trabalhar com outras linguagens. Ao trabalhar-se com outras linguagens e com a flexibilidade que os ambientes digitais trazem, ocorre o processo de autoria, pois é possível aos alunos interagir com o texto literário de outra maneira, por intermédio das tecnologias digitais, visto que podem não somente comentar o escrito, mas recriá-lo, com a inserção de outras linguagens que não somente a verbal. A autoria se dá no momento em que é visível características especiais, distintas, ou seja, a particularidade do texto que foi produzido.

Ainda nos dizeres de Bakhtin (2003, p. 275) “essa alternância dos sujeitos do discurso, que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida [...] é de natureza diferente e assume formas várias.” No entanto, não é somente a flexibilidade de sujeitos do discurso, mas também a alternância do espaço em que os textos escritos, reescritos, adaptados, podem ser apresentados/criados nos *softwares*, ricas ferramentas, oportunizam aos alunos o

resignificar do que escrevem e a forma como interagem com o texto lido, o texto produzido.

Os apontamentos de Bakhtin, no âmbito deste trabalho, podem trazer contribuições interessantes no sentido de se poder evidenciar, ainda que de forma inicial, na produção dos grupos frente a proposta deste estudo exploratório, a ressignificação de uma obra literária específica. No caso, o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, buscando visibilizar percurso de compreensões responsivas ativas, preconizada por Bakhtin, presente nas adaptações. Neste contexto, cabe-se levar em conta que: (1) a compreensão não é uma produção individual, mas resultante de um trabalho de grupo; e que (2) a produção na qual tais compreensões geradas nestes coletivos foram, de certa maneira, corporificadas nas adaptações/recriações do conto estão atravessadas pelas possibilidades advindas da utilização de várias mídias, posto que as condições de produção contavam com a possibilidade de criação voltada para o meio digital.

2 OBJETIVOS, QUESTÕES DE PESQUISA e METODOLOGIA

2.1 Objetivo Geral:

- ✓ O objetivo do presente trabalho é o de explorar alguns aspectos relacionados às interações que os alunos, neoleitores, fazem com a leitura e a escrita, através da adaptação da obra literária *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector, realizada por/para alunos do 3º ano do ensino médio sendo esta voltada para o ambiente digital.

2.2 Objetivos Específicos:

- ✓ Realizar revisão bibliográfica sobre o tema, apresentando as possibilidades de leitura para neoleitores, em específico jovens alunos do Ensino Médio em ambientes digitais;
- ✓ Apresentar e analisar as produções dos grupos, buscando evidenciar algumas das possibilidades do ensino da Literatura no encontro com as tecnologias, bem como elementos que permitam pensar a compreensão responsiva ativa, conforme descrita por Bakhtin, como elemento importante para a formação do leitor na contemporaneidade;

2.3 Questões de pesquisa:

- 1- Que efeitos uma proposta pedagógica no âmbito da área de Ensino de Literatura, que enfatiza a “adaptação” de uma obra literária utilizando os recursos potencializados pelas tecnologias digitais, pode proporcionar outros entendimentos sobre a relação escrita/leitura/interpretação por parte de alunos do 3º ano do Ensino Médio?
- 2- De que maneira esses efeitos poderiam ser evidenciados?

2.4 Metodologia

2.5 Contextualização da Experiência

No início de 2011, entrei para o Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Após tantas leituras e aprendizados, chegou o momento de decidir o tema da monografia a ser desenvolvida. Optei por aliar a área em que sou formada – Letras – à Mídias na Educação.

Enquanto profissional da área das linguagens, observo não hábito de leitura por parte dos alunos, mas percebo mais no Ensino Médio, é algo que preocupa-me. Acredito que talvez, a falta do gosto pela leitura venha do engessamento e da forma normativa que a escola oferece e exige a leitura. Por isso, acabei me decidindo por desenvolver um trabalho voltado para este novo público leitor, ou seja, os neoleitores.

Em virtude disso, o presente trabalho tem com objeto de estudo os neoleitores em ambiente digital, bem como observar a aquisição e a qualidade de leitura, através da adaptação do conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector. Como base dessa investigação selecionou-se uma turma do terceiro ano do ensino médio, da manhã, de uma escola pública, sendo esta situada numa cidadezinha do interior gaúcho com, no máximo, 10.000 habitantes. A realidade socioeconômica é baixa. Os alunos veem na escola o clube da cidade, visto que esta oferece poucas opções referentes a lazer.

Um dado considerado importante: há apenas uma *lan house* na cidade. Com relação ao navegar na *web*, isso vem a ser uma prática muito atual para alguns alunos, isto porque, até o ano passado, era muito complicado trabalhar em rede no laboratório de informática da escola por exemplo. Sem contar que a internet oferecida era muito lenta.

Iniciei, portanto, o terceiro trimestre do ano letivo desenvolvendo este projeto de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira, escola

estadual em que leciono há mais de 10 anos. Durante o desenvolvimento do projeto, passei por momentos de incertezas e insegurança, os quais me fizeram repensar os meus objetivos enquanto professora da área das linguagens, bem como minhas ações futuras.

Já em sala de aula, conversei com os alunos do terceiro ano do ensino médio do turno da manhã sobre as minhas intenções, isto é, as atividades de leitura e escrita em sala de aula e a adaptação da obra literária *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, para ambiente digital. Propus, então, à turma uma sequência de atividades envolvendo leitura e escrita.

Comecei o projeto com a leitura do conto já referido para a turma. Em seguida, os alunos foram convidados a fazer também esta leitura, individualmente e de forma silenciosa. Logo, separei-os em grupos. Esses grupos foram nomeados por frutas. Formou-se nove grupos, cada grupo com quatro ou cinco alunos. Depois dos grupos formados, propus que reescrevem-se o conto, adaptando-o para um novo público leitor, assim, jovens como eles. Para que esta adaptação fosse realizada, os alunos tiveram total autonomia quanto a forma de adaptá-la, tiveram liberdade para fazerem a sua produção. Sendo assim um convite para que se colocassem no lugar de um leitor/autor e vice-versa.

3.6 Princípios Metodológicos

Este trabalho tem como foco o estudo exploratório, visto que, ao propor a adaptação da obra *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, permitiu-se a liberdade de criação, o que evidentemente oferece uma adaptação permeada de interpretações, talvez contribuindo para um certo distanciamento da obra original para a adaptada.

Segundo Stake e Yin (STAKE, 2000; YIN, 1984 apud MASSOTTI, 2006) entende-se que o estudo de caso exploratório deve ter um caráter revelador, único e que focalize fenômenos sociais. Além disso, visa aprofundar a compreensão de tais fenômenos, ainda pouco investigados, e na elaboração de hipóteses, para que haja estudos posteriores.

O estudo exploratório caracteriza-se, portanto, por familiarizar-se com o objeto em estudo, ou se ter uma outra percepção do mesmo e assim a descoberta de novas ideias. Além disso, a pesquisa de cunho exploratório procura descrever precisamente a situação, bem como observar as relações existentes entre os elementos que compõe a mesma. Por isso, o estudo de caso exploratório de caso, enquadra-se neste trabalho, em virtude de haver poucos estudos referentes à temática proposta: a adaptação de obras literárias para ambiente digital, realizadas por e para os neoleitores.

2.7 Procedimentos metodológicos

A turma seccionada é composta de 38 alunos, sendo 11 do sexo masculino e 27 do sexo feminino, entre 16 e 18 anos. Assim, organizou-se um trabalho, tendo como base o texto literário. Neste caso, o conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector. Primeiro a partir da leitura, tanto silenciosa, quanto oral, do conto em sala de aula. Logo, por tratar-se de uma turma grande, separou-se em grupos de quatro e cinco alunos, num total de oito grupos. Estes grupos foram nomeados por frutas: pera, melão, morango, uva, maçã, banana, lima, laranja e manga. Solicitou-se como primeira atividade, ler e reler o conto, num primeiro momento, individualmente, logo após, no grupo.

O segundo passo foi apresentar aos alunos textos literários que já haviam sido adaptados, como por exemplo, a obra de Aluísio Azevedo, o *Cortiço*. Levou-se ao conhecimento dos alunos as duas formas, que a biblioteca da escola dispõe da adaptação dessa obra: *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, em História em Quadrinhos, por Rodrigo Rosa, Arte; e, Ivan Jaf, Roteiro. E, *O Cortiço*, de Aluisio Azevedo, da coleção *É só o começo*, uma versão adaptada para novos leitores.

Assim se propôs que, em grupo eles reescrevessem o conto *Felicidade Clandestina*, adaptando-o para a forma e a linguagem que se aproximasse mais daquilo que eles gostam e gostariam de ler. Colocando-se, dessa forma como leitores e autores. Essa adaptação foi realizada em sala de aula, durante dois encontros semanais. Um total de 16 encontros, ou seja, dois encontros de períodos

de hora/aula para que a professora pudesse acompanhar o processo de criação e produção dos alunos. Depois desse contrato estabelecido de leitura e escrita, passou-se para o segundo estágio: a adaptação do texto para o ambiente digital. Neste estágio, os grupos tiveram autonomia para a adaptação dos textos.

Como a escola tem um laboratório de informática que não oferecia todas as ferramentas necessárias, eles organizaram-se, estrategicamente, ou seja, cada componente do grupo responsabilizou-se para, em casa, fazer as pesquisas pertinentes, bem como baixar programas. E assim trazer para a sala de aula tudo o que fosse necessário para adaptação da obra em ambiente digital, de acordo com exigência de cada adaptação.

As mídias, nesse sentido, foram ferramentas importantes para o desenvolvimento da atividade proposta, isto é, da adaptação do conto *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector, visto que através desse suporte que os textos dos alunos, isto é, o texto adaptado saiu do anonimato da sala de aula para um ambiente interativo e que abrange tanto leitores quanto neoleitores. Até porque as adaptações foram planejadas pensando-se, justamente, neste novo público leitor: os neoleitores.

O que se percebeu no andamento do trabalho, foi o envolvimento que os alunos demonstraram com o texto e com o trabalho em si, bem como a interação que obtiveram que ter entre os integrantes do grupo, já que experimentaram trabalhar com colegas que até então não haviam realizado trabalhos juntos. Outro fator importante foi a empolgação que os alunos ficaram, quando souberam que a adaptação, que o texto deles poderia ser postado no *blog* da escola e também que ficaria a disposição para um público leitor

O fato de publicizar a obra, torna o envolvimento com a atividade, de forma diferente, pareceu que o publicizar, chamando-os a uma maior responsabilidade com o que estão fazendo, pois envolve a opinião de outrem sobre aquilo que apropriou-se e fez sua a criação.

Ao contrário do que constantemente ouve-se falar e se lê, os alunos leem e muitos gostam de ler, no entanto, fazem leituras não determinadas por um padrão ou

gênero que a escola pré-determina ou incentiva. O aluno, ou seja, o neoleitor, lê, mas quer ler textos que se adequem a sua realidade, textos que possibilitem uma certa flexibilidade, com os quais possam fazer inferências. Eles não querem apenas reproduzir o texto lido para a oralidade, mas sim apropriar-se dele.

A busca por programas, a melhor forma de apresentar o texto adaptado, talvez seja um dos motivos de envolvimento dos alunos com este trabalho. No entanto, observa-se que ao sentirem-se construtores do texto e que esse texto seria lido por outros, passou a ter um novo significado para os alunos, parece que sentiram-se responsáveis por fazer bem feito, fazer com empenho.

Claro que o suporte tecnológico se fez importante neste trabalho, mas evidenciou-se também a necessidade do professor, ao propor uma atividade pedagógica como essa, em sala de aula, ter que, no mínimo, gostar de ler, assim como ser um leitor. Ao fazer o contrato de leitura, de atividade proposta, o professor mostrar-se envolvido com atividade. Bem como estar ciente de que se não dominar o ambiente digital e ter ao menos uma relação de aprendiz com as tecnologias não terá como dar continuidade ao trabalho proposto.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 O processo de adaptação do conto *Felicidade Clandestina* pelos alunos: um relato da dinâmica do processo

O processo de adaptação do conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector, realizado por alunos do 3º ano do Ensino Médio, acarretou em uma ruptura com o ensino de leitura e escrita, geralmente proposto em sala de aula.

Primeiro, e não mais importante, porque o texto adaptado pelos alunos não ficara apenas na sala de aula, ou como muitas vezes ocorre, com apenas um leitor: o professor. O contrário ocorreu com esta adaptação, pois não teve apenas quem produziu como leitor, o grupo, mas o professor, seus colegas de turma, e outros alunos da escola. O texto e a leitura deixam de ter uma ação solitária.

Mas, anterior a isso, outra ruptura de padrões foi necessária: a professora deixa o papel de detentora do saber e passa a gerenciar a atividade, a circular pelos grupos, a fazer intervenções mais pontuais, ou seja, direcionada para determinado grupo. A dinâmica da sala de aula torna-se mais flexível. Para isso a professora passa da condição de detentor do poder do conhecimento para a posição de aprendiz. Sim, aprendiz. No momento em que traz a proposta junto dela esta a necessidade de não somente os alunos, mas ela também, de buscar conhecimentos pertinentes ao que havia sido proposto à turma. A educadora e alunos passam a ser aprendizes.

A professora precisou passar por esse processo, em virtude das demandas tecnológicas que tal atividade exigiu. Para isso teve de se familiarizar, ou fazer um estudo / experimentar *softwares* diversos, tais como: *comic life*, *photoshop*, *sony vegas pro 8*, entre outros. Evidentemente, que tal processo não foi muito confortável para a docente, visto que está de sair de sua zona de conforto, de sua habitual forma de planejamento, para lançar-se, assim como os alunos, ao desconhecido. Isto porque nem ela mesma sabia a proporção a que chegaria o trabalho proposto.

Geralmente, as mudanças, principalmente na área da Educação demoram um pouco mais para serem bem aceitas, isto porque a escola está ainda moldada no século passado. Mas incentivo das universidades, oferta de especializações

voltadas para esse novo pensar em educação, voltado para o mundo altamente tecnológico.

Situação 1: a reescrita do conto “*Felicidade Clandestina*” pelos alunos: um relato da dinâmica do processo pelo grupo morango

Após a professora sortear os papéis que continham um nome de uma fruta, os grupos foram formados. Os quatro componentes do grupo morango, o qual será o recorte para analisar-se a dinâmica do processo de adaptação do conto *Felicidade Clandestina*, realizada por alunos do 3º ano do ensino médio. O grupo morango, por sua vez, reuniu-se para organizar como fariam a atividade proposta até chegar-se ao objetivo principal, a adaptação do conto já mencionado para ambiente digital.

No primeiro dia, os grupos foram formados, foi apresentado aos alunos o objetivo da atividade. O grupo morango optou por utilizar-se de uma linguagem bastante prática, sem formalidades e por um texto não muito longo, pois futuramente suas adaptações seriam postadas, talvez em redes sociais, ou seja, o grupo visou um público alvo de internautas, em sua maioria jovem. Este público, na visão do grupo morango (ANEXO C), é difícil de chamar a atenção para leituras muito longas, por isso uma linguagem mais acessível.

No decorrer das aulas, reescreveram a obra tantas vezes foi necessária para chegarem ao que o grupo havia se proposto no início da atividade, isto é, serem breves e informais, para que o texto adaptado não se tornasse algo cansativo para o leitor.

Sendo assim após concluírem a adaptação escrita, a professora propôs a segunda e não menos importante fase da atividade, o texto já adaptado para ambiente digital. Uma das escolhas interessantes do grupo morango foi o de transformar as falas do narrador em “entretítulo” para o vídeo, encadeando assim as imagens dos personagens e trama (Figura 1). Quanto aos personagens, o grupo morango optou por utilizar dois tipos de personagens que atualmente são usuais na internet para fazer charges humorísticas, conhecidos por os *memes* e os *stickis*. Os *memes* são figuras com fisionomias engraçadas e diferentes, já os *stickis* são personagens com a forma tradicionais bonequinhos de palitos. Adaptaram esses

dois personagens dando origem a um só, um *memé* com o corpo de *stick* proporcionando à adaptação para ambiente digital um toque de humor, um toque do humor atual, com a intenção de chamar a atenção do público leitor alvo, os internautas (Figura 2).

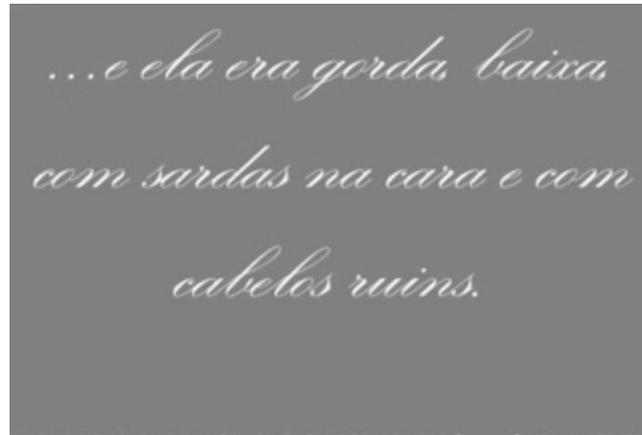


Figura 1 – Trecho do vídeo resultante da adaptação do conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector. Grupo Morango



Figura 2 – Meme com corpo de Stick, para representar personagem da adaptação de “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector. Produção do Grupo Morango.

A escolha da fala do narrador, no conto, adaptada para entretítulo, já dá indícios de compreensões responsivas ativas por parte do grupo, na medida em que ele desloca a voz do narrador para o entretítulo, como “voz do outro” e insere o grafismo do personagem, não presente no conto, mas descrito nele, deslocando também a mera descrição, apelando ao humor para caracterizar a personagem,

mas, ao mesmo tempo, deslocando também a comunicação verbal, pela presença do elemento não-verbal, no caso, o grafismo. Tais deslocamentos e as referências do humor poderiam, nesta primeira análise, ser tomadas como um enunciado elaborado do grupo morango, uma *resposta* a pelo menos dois enunciados, o do conto e o da proposta pedagógica.

Ao mesmo tempo, é um enunciado pois prevê futuros leitores, os colegas de turma e outros alunos em função dos quais o enunciado, enquanto forma, é constituído, com a escolha das músicas, os grafismos e o deslocamento das falas do conto neste novo contexto. Entrevê-se, nas decisões do grupo, percursos da autoria, na edição ativa do enunciado que lhe antecedeu, decisões dos contornos do enunciado a ser produzido, sua articulação entre linguagens, e projeção dos seus interlocutores futuros. Não são meras reproduções do conto, mas (re)criações, adaptações produtivas encadeadas em processo de comunicação que lhe antecede e lhe sucede, envolvido de novas articulações que podem ser válidas como estratégia interessante no ensino da Língua Portuguesa e da Literatura no Ensino Fundamental.

Do ponto de vista dos aprendizados em mídias, para elaborar a adaptação dessa forma, fizeram uso de dois softwares de computador, o *Sony Vegas* e o *Photoshop CS4*. Primeiramente utilizaram o *Photoshop CS4*, com o objetivo de unir os dois tipos de personagens escolhidos os *memes* e os *sticks*, criando um só personagem humorístico. Após o término de edição de todas as imagens, utilizaram o *Sony Vegas*, um *software* para gerar vídeos. Criaram o passo a passo do vídeo, escrevendo breves textos e pondo as imagens como ilustração.

Esta parte do trabalho houve bastante dedicação, pois não houve auxílio de todos os componentes do grupo, visto que dois deles não sabiam fazer uso dos softwares escolhidos. Com a edição das imagens do vídeo, procuraram uma trilha sonora bastante distinta, obviamente para gerar no público certo interesse de olhar a produção realizada.

Após o vídeo ser totalmente completo, incluindo trilha sonora e imagens, surgiu um novo problema, pois o *Sony Vegas* sendo um *software* de alta qualidade gerou um vídeo também de alta qualidade, acarretando em um arquivo muito

grande, excedendo a capacidade de envio por *e-mail*, o que queria necessário mais tarde enviar para a professora.

Como o prazo de entrega do trabalho expirava, procuraram o mais rápido possível um *software* que reenvernizasse o vídeo, diminuindo seu tamanho, mas que mesmo assim continuasse com todas as edições. Então optaram pelo *Format Factory*, um *software* que transforma o formato do vídeo, mas que mantém todas as edições originais/anteriores. Com o êxito da formatação do vídeo conseguiram enviar o *e-mail* e entregar no prazo a atividade proposta pela professora.

Com o término deste trabalho os alunos concluíram ter sido uma experiência bastante proveitosa, pois nunca haviam feito algum trabalho similar a este. Assim proporcionaram-se a busca de conhecimentos em relação aos novos *softwares* utilizados.

Essas adaptações foram apreciadas pela turma, pois até então cada grupo procurou manter certo sigilo com relação ao que estavam desenvolvendo, apesar de estarem ajudando-se no que se refere a baixar *softwares*, aprender a manuseá-los, enfim, foram solidários.

Quando a atividade instiga o aluno, este busca, pesquisa, interessa-se em aprender e a como fazer. A prova disso está nesta atividade que exige justamente aquilo que mais a educação carece: alunos leitores.

Situação 2: As demandas tecnológicas a partir da proposta

Levando-se em consideração os apontamentos já mencionados, essa proposta exigiu uma demanda tecnológica a qual, no momento que se deu a elaboração do projeto, não havia sido pensada. Isto porque as adaptações tomaram dimensões muito além do que a esperava no início do projeto.

Em virtude disso, tanto a professora quanto os alunos tiveram de colocar-se como aprendizes. A professora, talvez, mais que os alunos, visto que muitos deles têm uma facilidade muito maior de aprender a manusear novos softwares, tais como: *comic life*, *photoshop*, *sony vegas pro 8*, entre outros. Além de buscar conhecimentos, também foi necessária a troca de informações entre professora e

alunos. Essa flexibilidade, a forma como esse trabalho foi desenvolvendo-se ao longo das aulas, foi dos pontos importantes para que se obtivesse um envolvimento com a proposta inicial do projeto e se chegasse à conclusão das adaptações.

Com esse envolvimento, observou-se que os alunos esforçaram-se mais ainda. Leram várias obras adaptadas, realizaram pesquisas, fizeram testes em programas, encontraram-se fora da sala de aula para elaborarem roteiros de como fariam a adaptação. Ao longo do desenvolvimento da proposta, entende-se que as tecnologias, as mídias na educação são importantes. No entanto, os professores precisam adequar-se ao sistema tecnológico que o atual cenário educacional vem exigindo. Os alunos estão sedentos por atividades que envolvam as mídias, mas não como a finalidade para a atividade, mas sim como suporte pedagógico.

Em alguns encontros, a sala de aula transformava-se num Laboratório de Informática, particular, da turma. Isso porque o Laboratório de Informática que a escola oferece, dispõe do *Linux*, por isso os alunos optaram por trazer de casa, seus computadores, *modem* para acessar a internet, bem como as pesquisas previamente realizadas extraclasse para assim dar suporte ao que pretendiam para a adaptação. Em suma, as aulas de Literatura envolvendo as adaptações do conto iam para além do tempo cronológico. O interesse na atividade e a busca de soluções para a realização do projeto faziam o tempo durar mais que o da hora-aula e se ampliar para além do espaço da sala.

O processo de elaboração da adaptação deu-se toda em sala de aula. Primeiro a escrita, manuscrita, a partir das leituras, interpretações, inferências do grupo. Depois, foi realizada a leitura para o grande grupo, das adaptações até então produzidas, apenas no papel, sem muito envolvimento. Mediante esta escrita, passou-se para a adaptação em ambiente digital. Quando passou-se para esta etapa o envolvimento por parte dos alunos foi muito maior.

Os grupos organizaram-se da seguinte forma: o grupo pera optou em usar os softwares *sony vegas* e *movie maker*, já o grupo melão (ANEXO G), apenas o *movie maker*, enquanto que o grupo uva, fez uso de *studio Ex. 4.2* e *comic life*; o grupo maçã, fez uso também do *movie maker* e do *picasa*; o grupo banana, fez os desenhos à mão, depois digitalizou-os, editou-os no *photoscape*, usou o *comic life* e

o *power point*; O grupo lima (ANEXO F), optou por utilizar-se de imagens da internet, também usou o *comic life* e o *photoshop*, conforme imagem abaixo:

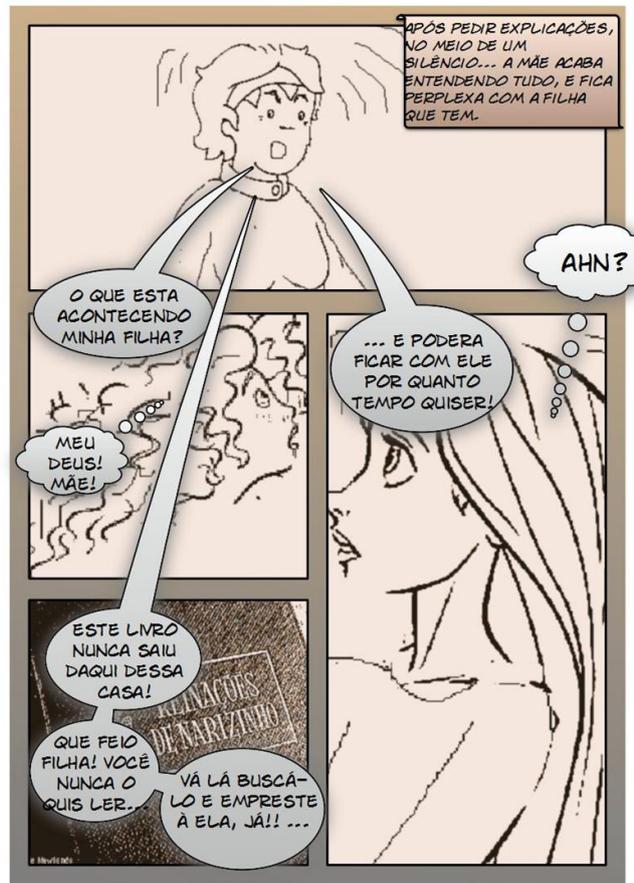


Figura 3 – Imagem da adaptação envolvendo software como *comic life* e *photoshop*. Grupo Lima

O grupo laranja (ANEXO E) trabalhou com fotos dos próprios integrantes do grupo, transformando-os nas personagens do texto adaptado, mas também usou o *sony vegas pro 8* e *stop motion*; e, o grupo manga (ANEXO D), fez uso também do *movie maker* e usou imagens da internet, conforme imagem a seguir:

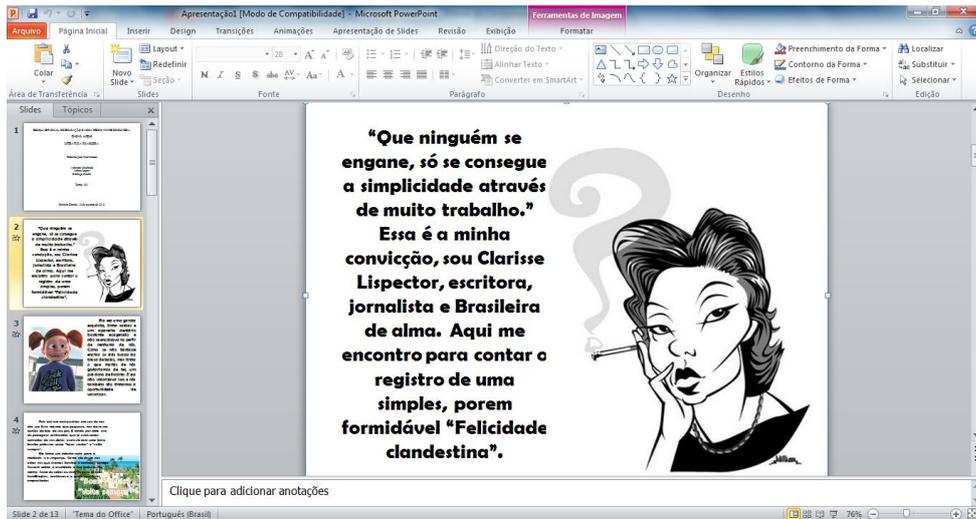


Figura 4: – Imagem da adaptação envolvendo power point e imagens da internet *Grupo Banana*

Situação 3: A avaliação dos alunos

Levando-se em consideração a realização da adaptação, elaborou-se sete questões (ANEXO A) pertinentes ao processo e elaboração das adaptações, as quais os alunos responderam, após apreciação de todas as nove adaptações pela turma. Como as questões são de respostas abertas, é inviável elaborar gráficos, no entanto, será apresentado apenas um recorte das respostas das questões um, três, quatro, cinco e sete. Os respondentes terão somente a inicial de seu nome indicada.

A primeira pergunta indagava aos alunos se o fato de adaptar uma obra literária, neste caso, *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, pode aproximar o (a) aluno (a) da Literatura Brasileira. Alguns alunos responderam da seguinte forma:

(Aluna K) *“Acredito que sim, pois com a adaptação a história fica mais próxima de nossa realidade”*. Outra (?) *“sim, e muito pois o aluno não leu apenas por ler e sim tivemos que ler, interpretar a história”*.

(Aluno D) *“Sim, pois observei que com o uso de vários meios da mídia os alunos podem interpretar melhor as ideias dos textos”*.

(Aluna L) *“Sim, pois o trabalho foi diferente e despertou o interesse da maioria”*.

Já a opinião desta, vai mais além: *“na minha opinião sim, pois Clarice Lispector foi uma grande escritora e através desse conto alguém pode despertar o interesse pela sua obra e conseqüentemente pela literatura brasileira”* (Aluna A).

Essas respostas evidenciam que não é que os alunos, neoleitores, não queiram ou não gostem de ler. Pelo contrário, mostra que são leitores, mas que querem textos diferentes, em ambientes diferentes, com apresentações diversificadas. O neoleitor é o leitor que pode fazer escolhas do quê, quando e em que espaço realizar a sua leitura.

Com a relação ao questionamento da questão três, a qual propôs aos alunos um momento de reflexão sobre a prática realizada. Ou seja, indagou-se como o aluno sentiu-se no momento em que a adaptação realizada pelo seu grupo foi apreciada pelos outros colegas da turma. Diante desta questão os alunos responderam o seguinte:

(Aluno V) *“Um pouco de orgulho por ver que o trabalho feito tinha dado resultado”*.

(Aluna B) *“Me senti livre, pois tivemos a liberdade de reescrever o conto do jeito que gostaríamos de ler ele. Senti satisfação, pois com o jeito que todos prestaram atenção tiveram o jeito que gostaram”*.

(Aluno J) *“Eu me senti bem, principalmente quando vi a felicidade de meus colegas ao assistirem a minha adaptação, pois trabalhei bastante junto ao meu grupo para fazer uma bela apresentação”*. Outro aluno respondeu o seguinte: *“adaptando a obra, eu me senti um pouco autora, foi um sentimento diferente, pois deu para ver como é ser uma escritora, por um momento. É uma tarefa difícil, porque tem que misturar a imaginação com o técnica.”*

De acordo com as respostas apresentadas acima, percebe-se nitidamente o processo de apropriação do texto lido, envolvimento com a atividade. Talvez, por isso, na adaptação desta obra pode-se observar o processo de autoria. Neste sentido, Chartier (1999, p. 146) coloca que “O texto eletrônico atua sobre esta realidade? Talvez dois extremos. De um, busca-se uma liberdade nova que mistura os papéis e permite aos autores tornarem-se seu próprio editor e seu próprio

distribuidor.” As possibilidades de produção textual que o ambiente digital traz, produz nos alunos um sentimento de autonomia, responsabilidade com o que está escrevendo e provoca a autoria. Confirma isto, LÉVY (? , p. 117) “textos literários clássicos, por exemplo, podem ser lidos, anotados, comentados, comparados, podem ser objeto de pesquisas minuciosas com um luxo de meios fora do alcance das técnicas associadas ao papel.”

Quanto à questão quatro, este procurava indagar se os alunos haviam apreciado a adaptação dos colegas e o que nesta chamou mais a atenção deles. Alguns alunos responderam o seguinte:

(Aluna F) *“Sim. Porque mesmo sendo uma única obra, cada grupo teve sua forma única de apresentar. O que mais me chamou a atenção foi a criatividade dos grupos.”*

(Aluna R) *“Gostei bastante, o que mais me chamou a atenção foi a criatividade dos colegas, porque nunca pensei que a turma fosse se desempenhar tão bem em um trabalho como este.”*

O universo textual foi explorado a partir dessa adaptação, pois os alunos saíram do texto do papel para o texto virtual, com a possibilidade de interação. Perrenoud (2000. p. 129) acredita que ao trabalhar numa adaptação para o ambiente digital “passa-se de um universo documental limitado (o da sala de aula e do centro de documentação próximo) a um universo sem verdadeiros limites [...]”

Já a questão sete questionava os alunos se o fato de adaptar o texto para o ambiente digital era mais importante que apenas para o papel. Algumas das respostas:

(Aluna A) *“sim, pois para aqueles que aprende com mais facilidade com ilustração a adaptação para o ambiente digital influencia muito.”* Já a (Aluna F) diz: *“nos dias de hoje, onde a maioria das pessoas tem mais vontade de ficar no meio digital, achei bem importante, até mesmo para não ficar uma leitura monótona ou cansativa.”*

Ainda, *“Eu acho ambos importantes, mas com a digital chama mais a atenção e deixa o texto interessante (Aluna B).”*

Outra aluna opina que *“as duas maneiras de adaptação são importantes, afinal, pessoas preferem ter o livro na mão, apreciando-o e outras pessoas preferem o meio digital.”*

(Aluno V) *“não mais importante, mas tem um grande valor pelo fato de dar ao texto um formato mais para os jovens”*

De acordo com as respostas dos alunos, a flexibilidade que o texto em ambiente digital traz é o que chama a atenção dos neoleitores, pois é possível interagir com este texto. E Lévy (1993, p. 121) diz justamente isto “o modelo informático é essencialmente plástico, dinâmico, dotado de uma certa autonomia de ação e reação.” E esse poder que o aluno passa a ter, de poder mexer no texto, é o que o leva a além de ser um leitor, também um possível autor, porque ele se apropria do que está lendo, e se sente dentro do texto quando o escreve, tamanho o envolvimento com a leitura em ambiente digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do professor é um processo infinito. Entende-se nesse sentido, que esse deve acompanhar o desenvolvimento e a evolução da sociedade. Para isso é importante buscar formações continuadas e cursos para incluir-se na era tecnológica. Até porque, atualmente, compete à escola proporcionar a acessibilidade das mídias na educação a todos os alunos. Para isso, necessita-se de professores capacitados para aplicar as mídias ao longo da prática pedagógica, orientando os alunos.

Assim, o que poderia ser entendido como uma limitação do estudo, a pouca interação da pesquisadora com os *softwares*, foi tomado como uma oportunidade de aprendizado mútuo da professora-pesquisadora e do grupo de alunos. Todos os participantes tiveram de encontrar, juntos, soluções para efetivar os projetos e realizar as adaptações do conto “*Felicidade Clandestina*” utilizando as mídias que cada grupo achou importante constar em seu planejamento.

Em virtude disso, o profissional da educação terá que desenvolver novas habilidades de se permitir aprender com os alunos sobre as mídias, até para desenvolver, cada vez mais, a competência de planejar aulas, nas quais as mídias sejam utilizadas como um meio, como mais uma ferramenta pedagógica. As tecnologias e as novas mídias não podem ser entendidas como a finalidade da aula e sim mais um recurso metodológico. Além disso, entender que as tecnologias e as mídias não são sinônimas de qualidade nas aulas e muito menos de maior aprendizagem. Essas devem ser vistas como um meio para alcançar um determinado objetivo.

A reflexão, portanto, sobre as tecnologias e as novas mídias na área educacional é de extrema importância, visto que os impactos dessas na educação não são poucos. E compreender esses reflexos talvez seja um dos grandes desafios para os professores, por isso da necessidade do constante repensar a função da escola. Não se trata, apenas, de aceitar mudanças, mas sim de ter entendimento das consequências advindas dessas e o como fazer para que a escola dê conta,

assim de tudo, do ensinar e do aprender. E que esses conhecimentos, tantos os professores quanto os alunos, possam aplicá-los à realidade em que vivem.

Em virtude disso, procurou-se, neste trabalho, através de um estudo exploratório, ou seja, da adaptação do conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, realizada por e para neoleitores trazer apontamentos pertinentes ao processo de leitura e escrita em ambiente digital. Para isso se trouxe apontamentos sobre o ensino de Literatura Brasileira no Ensino Médio, bem como uma breve retrospectiva do processo de leitura e escrita até a realidade atual, ou seja, o ambiente digital. Também se trabalhou com um novo conceito de leitor – os neoleitores, como um sujeito ativo e construtor do seu processo de leitura e escrita. Levando-se em consideração este neoleitor, apresentou-se a Literatura Brasileira no encontro com as tecnologias, aliada, também, à abordagem de autoria proposta por Bakhtin.

É importante pensar que essa adaptação para ambiente digital foi projetada por e para neoleitores. Os resultados a que se chega são ainda superficiais, pois acredita-se ser necessário realizar um estudo maior, em virtude dos resultados já observados. Caminhos que permitam a possibilidade de adaptação entre linguagens, nas quais os alunos, bem como o professor possam aprender através de um exercício de autoria, compondo enunciados voltados a adaptação, mas, na verdade, uma (re)criação, em contexto de convergência de mídias em meio digital, de textos literários. Os resultados encontrados, ainda parciais e iniciais, apontam para o interesse dos alunos pela proposta apresentada, pelo envolvimento e dedicação em (re) escrever, adaptar, pensar no leitor/espectador, para dali a pouco tornar-se escritor/montador. Esses resultados ainda que breves, apontam um novo caminho para trabalhar-se de forma efetiva na evolução das práticas de leitura e escritas, agora disponíveis não somente em livros, mas também em ambientes digitais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação?** 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Mídias na Educação: Módulo Material Impresso: **A História da escrita** Documento disponível em http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/impresso/imp_basico/e1_assuntos_a1-4.html. Acesso em 03.12.2012. 2012

BRASIL. Ministério da Educação. Mídias na Educação: Módulo introdutório - Integração de Mídias na Educação. Uma sociedade em mudança. Documento disponível em http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod83230/etapa_2/p2_02.html Acesso em: 17 de nov. de 2012.

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. TV Escola. **Série Literatura e neoleitor**. Salto para o Futuro. Programa de 1-5. Duração: 250 minutos. 2010. Disponível em: http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=591:salto-para-o-futuro-serie-literatura-e-neoleitor&catid=71:destaque Acessado em: 25. Set. 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário de Língua Portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa mostram evolução do alfabetismo funcional na última década**. São

Paulo: Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. 2012. Documento disponível em: http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por. Acesso em 03.01.2013

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MARC, René. Oralidade, memória e cultura. In: TIEPOLO (org) **Literatura e neoleitor**. Brasília: SEED/MEC. Boletim 08. Ano. 20. P 20-28. 2010. Boletim elaborado para a Série Literatura e Neoleitor, exibida pelo Programa Salto para o Futuro. Documento disponível em:

<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/10273208-LiteraturaNeoleitor.pdf>. Acesso em 25. Set. 2012.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000300007&lng=en&nrm=iso Acesso em: 17 de nov. de 2012.

MORAN, José M. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias**: Transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>. Acesso em 29 de jun. de 2011.

PASSERINO, Liliana Maria; SANTAROSA, Lucila Costi M.. Interação social no autismo em ambientes digitais de aprendizagem. IN: Psicologia: reflexão e Crítica., Porto Alegre, v. 20, n. 1, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10. out. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000100008>.

PERRENOUD, Philippe. **Novas Competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TEIXEIRA, Tanija Mara de Souza Maria. **Leitura e Texto**. In: In: TIEPOLO (org) **Literatura e neoleitor**. Brasília: SEED/MEC. Boletim 08. Ano. 20. P 20-28. 2010. Boletim elaborado para a Série Literatura e Neoleitor, exibida pelo Programa Salto para o Futuro. Documento disponível em:

<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/10273208-LiteraturaNeoleitor.pdf>. Acesso em 25. Set. 2012.

TEXTOS LITERÁRIOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR. **Série Literatura e neoleitor**. Salto para o Futuro. Programa de 1. Vídeo disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=4340>. Acesso em: 25 de setembro de 2012.

TOSSERI, Olivier. Gutenberg não inventou a imprensa. In: **História Viva**. São Paulo: Duetto Editora. Edição 76. 2010. Documento disponível em: < http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/gutenberg_nao_inventou_a_imprensa_2.html> Acesso em 23.12.2012.

TIEPOLO, Elisiani Vitória. **Uma política de leitura para todos**: leitores e neoleitores. Em aberto. Brasília, v. 22, n. 82, p. 121-133, nov. 2009. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1582/1274> Acesso em: 18 de setembro de 2012.

_____. Proposta da série – Os neoleitores e a leitura de textos literários. In: TIEPOLO (org) **Literatura e neoleitor**. Brasília: SEED/MEC. Boletim 08. Ano. 20. P 20-28. 2010. Boletim elaborado para a Série Literatura e Neoleitor, exibida pelo Programa Salto para o Futuro. Documento disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/10273208-LiteraturaNeoleitor.pdf>. Acesso em 25. Set. 2012.

ANEXOS

APENDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO
ACADÊMICA: CAROLINE PINTO SALGUEIRO

AVALIAÇÃO DA ADAPTAÇÃO DO CONTO “FELICIDADE CLANDESTINA” DE
CLARICE LISPECTOR

- 1- Adaptar uma obra literária, neste caso, *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, pode aproximar o (a) aluno (a) da Literatura Brasileira?
- 2- A adaptação de uma obra literária pode contribuir para a aquisição/aproximação da leitura? De que forma?
- 3- Descreva como se sentiu, adaptando uma obra literária. Também descreva o que sentiu no momento em que sua adaptação foi apreciada pelos outros colegas da turma.
- 4- Gostou da adaptação dos colegas? O que mais chamou sua atenção? Por quê?
- 5- Dessa experiência, de adaptador, o que fica para você: foi válido, satisfatório, realizar esta atividade? Faria novamente? Por quê?
- 6- Ao analisar as adaptações, o que mais e o que menos as aproxima do conto original, *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector?
- 7- Nesta atividade, primeiro fizeste a adaptação do texto, e depois adaptou para o ambiente digital. Considera mais importante a adaptação para o ambiente digital? Comente.
- 8- O fato de saber que a adaptação produzida teria um público leitor, fez a diferença para produzir a adaptação? Em que sentido?

APENDICE B

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação

Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisadora **Caroline P. Salgueiro**, aluna regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação – Pós-Graduação *lato sensu*** promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do Professor **Evandro Alves**, realizará a investigação, **NEOLEITORES EM AMBIENTE DIGITAL: USANDO TECNOLOGIAS PARA RECRIAR TEXTOS LITERÁRIOS NO ENSINO MÉDIO**, junto a alunos do 3º ano do ensino médio, numa escola pública, do interior gaúcho no período de setembro a dezembro de 2012. O objetivo desta pesquisa é avaliar as relações que os alunos, neoleitores, fazem com a leitura e a escrita, através da adaptação da obra literária *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector, realizada por / para alunos do 3º ano do ensino médio, para ambiente digital.

Os (as) participantes desta pesquisa serão convidados (as) a tomar parte da realização de leitura, produção textual (adaptação da obra literária, já mencionada), questionário.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade da pesquisadora a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o (a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

A pesquisadora compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51) 98862874 ou por e-mail - calsalgueiro@gmail.com.

.....

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de R.G.
_____,'

Concordo em participar esta pesquisa.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Porto Alegre, ____ de _____ de 2012.

ANEXO A

Escola Estadual de Educação Básica Pedro Nunes de Oliveira

Professora: Caroline P. Salgueiro

Adaptação do Conto Felicidade Clandestina – Clarice Lispector
Grupo Morango

Alunos: Gustavo Nunes, Juliane, Vinicius

FELICIDADE CLANDESTINA

Morávamos em Recife éramos magras e esbeltas e ela era gorda, baixa, com sardas na cara e com cabelos ruins. Eu amava ler, por eu ter uma situação financeira não suficiente para comprar meus próprios livros, então eu vivia pedindo os livros da menina gorda que era filha de dono de livraria. A menina gorda não valorizava a benção que tinha de ter um pai dono de livraria, e sabia que eu amava ler assim ela me torturava de um modo muito cruel.

Certo dia a menina gorda me disse que poderia me emprestar um novo livro, “As Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, mas que eu fosse busca-lo em sua casa. Eu passei a sonhar diariamente com o livro, mal eu sabia que estava sendo manipulada da forma mais cruel possível pela menina gorda, eu ia diariamente a sua casa e ela sempre me dizia que já havia emprestado o livro, pois cheguei tarde demais. Aquela tortura durou dias e dias, até que então, certo dia, a mãe da menina gorda interviu na atitude cruel que ela fazia sobre mim, ficou pasma com a atitude tão cruel de sua própria filha, e emprestou-me o livro por quanto tempo eu quisesse.

Eu mais que feliz, pois ela não tinha apenas emprestado o livro, deixou-me ficar com o livro o tempo que fosse necessário, isto era melhor de que ganhar o livro. Dava pulos de alegria, fazia questão de “esquecer” o livro e então de uma hora para outra “achar” o livro novamente. Eu não era mais uma menina com o livro, era uma mulher com seu amante.

ANEXO B

Escola Estadual de Educação Básica Pedro Nunes de Oliveira

Professora: Caroline P. Salgueiro

Adaptação do Conto Felicidade Clandestina – Clarice Lispector

Grupo Manga

Texto Para Neo-Leitores de Clarice Lispector

Felicidade Clandestina

Ela era uma garota esquisita, tinha sardas e um aparelho dentário bastante exagerado e não se encaixava no perfil de nenhuma de nós. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa de balas, mas tinha o que muitas de nós gostaríamos de ter, um pai dono de livraria. E ela não valorizava isso e nós também não tínhamos a oportunidade de valorizar.

Pois até em aniversários em vez de nos dar um livro mesmo que pequeno, nos dava um cartão da loja de seu pai. E ainda por cima era de paisagens conhecidas que já estávamos cansadas de ver. Atrás escrevia com uma letra bonita palavras como “boas vindas” e “volte sempre”.

Ela tinha um talento nato para a maldade e a vingança. Como ela devia nos odiar nós que éramos bonitas e normais. Comigo fez com calma e crueldade a sua tortura. Na minha fome de saber eu nem notava as suas humilhações, continuava a pedir seus livros emprestados.

Até que veio o dia em que ela se dedicou a me torturar psicologicamente. Como casualmente informou-me que possuía “As Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso e lindo com o qual eu viveria dias e noites. Pedi-me para passar em sua casa, pois iria me emprestar.

Até o dia seguinte eu me transformei em uma pilha de nervos pela esperança e alegria. Na hora marcada fui a sua casa literalmente correndo, ela não morava em uma casa simples como eu. Chegando lá além de não ter me mandado entrar ainda disse que havia emprestado o livro a outra pessoa e que eu voltasse no dia seguinte. Indignada sai devagar, mas logo a esperança me tomou de novo e então sai correndo e dessa vez nem cai, apenas me guiava pela promessa do dia seguinte.

Foi inocência minha achar que o plano da menina esquisita ficaria apenas nisso. No outro dia lá estava eu com a esperança de ter o livro em minhas mãos. Para ouvir a resposta irônica: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu que o drama do dia seguinte iria se repetir por vários outros dias.

E assim continuou. Por quanto tempo? Não sei. Ela sabia que o tempo seria indeterminado, enquanto a maldade não saísse de seu corpo. Eu já estava adivinhando que ela havia me escolhido para ser seu alvo. O alvo em qual ela jogaria seus dardos venenosos.

Quanto tempo? Eu ia todos os dias a sua casa sem faltar um só dia se quer. Às vezes ela dizia: como você só veio de manhã emprestei ele para outra menina. E eu que era viva e alegre me tornei triste e cansada.

Até que um dia sua mãe apareceu na porta, afinal ela devia estar estranhando as minhas visitas diárias a sua casa, então pediu explicações a nós duas. Sem ouvir nenhuma resposta ela imediatamente entendeu o que havia acontecido. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa falou: mas esse livro nunca saiu da estante do seu quarto, e você nem se quer o leu!

E o pior não foi o susto dos acontecimentos e sim a descoberta da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: olhando a maldade de sua filha, e o cansaço da menina loura a sua porta. Quando a mulher se recuperou do choque falou a sua filha para emprestar o livro imediatamente. E para mim: “você fica com o livro quanto tempo quiser.” O que ela disse para mim valeu mais do que se ela tivesse me dado

o livro, pois “pelo tempo que quisesse” é tudo que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como posso falar o que se seguiu? Eu estava maravilhada, e nesse estado recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, sai correndo como sempre. Sai andando bem devagar. Só sei que segurava o livro que tanto esperei com as duas mãos, achatando-o contra o peito. O tempo que levei para chegar em casa, não importa. Meu peito estava pulsando quente e meu coração estava pensativo.

Quando cheguei em casa não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de ter. Horas depois eu o abri li algumas linhas maravilhosas, e o fechei de novo, fui passear por minha casa, e adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi para mim mesma que não sabia onde o livro estava, então o achava, e abria por alguns instantes. Criava as mais falcas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Sempre me pareceu que eu a pressentia. Como demorei! Eu vivia flutuando... Havia orgulho e modéstia em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes me sentava na rede, me balançando com o livro no meu colo, sem toca-lo, apenas em uma viagem de êxtase puro.

Eu já não era mais uma menina com um livro: agora eu era uma mulher com o seu amante.

ANEXO C

Escola Estadual de Educação Básica Pedro Nunes de Oliveira

Professora: Caroline P. Salgueiro

Adaptação do Conto Felicidade Clandestina – Clarice Lispector

Grupo Laranja

Alunos: Analice; Lucas; Jackson; Taina

Gordinha, baixota, sardenta, cabelos crespos e avermelhados. Tinha um busto enorme e enchia os bolsos da blusa com balas. Seu pai era o dono da livraria.

Nos aniversários, ao invés de nos presentear com livros, dava-nos um cartão postal, com sua bordadíssima letra escrevia “data natalícia” ou “saudade”, com a paisagem de Recife mesmo, onde morávamos.

Ela era cruel. Fazia barulho quando chupava suas balas. Talvez sentisse ódio de nós, pois éramos mais bonitas, magras, altas e de cabelos livres. Então, comigo usou de toda sua maldade, sem eu notar, quando era humilhada ao pedir seus livros emprestados, livros os quais ela não lia.

Até que chegou o dia que ela me contou que tinha As renações de Narizinho, de Monteiro Lobato. A partir daí começou a me torturar dia após dia.

Era um livro grosso, o qual eu não poderia obter por não ter dinheiro para compra-lo. Disse-me para passar na casa dela no outro dia para me emprestá-lo.

Chegou o outro dia e fui até a casa dela, quase que correndo. Quando me abriu a porta disse que havia emprestado o livro para outra menina, e que se eu

voltasse no outro dia, estaria com ele. Saí boquiaberta, mas com a esperança de que no outro dia o livro estaria comigo.

E assim seguiu, por vários e vários dias, quando eu chegava à porta dela, toda sorridente, dizia-me que não estava com o livro e que eu voltasse no outro dia.

Não sei ao certo quanto tempo durou tudo isso, só sei que ia todos os dias à sua casa, sem faltar um sequer, às vezes ela dizia: “pois o livro esteve comigo ontem de tarde de mas você só veio de manhã, de modo que emprestei a outra menina”. E as olheiras que não eram de costume estar em meu rosto, apareceram.

A mãe da menina, ouvindo de dentro da casa e achando estranha a visita da garota que todos os dias aparecia muda, pediu uma explicação para as duas. Houve uma confusão silenciosa, e a mulher achou estranho não estar entendendo nada. Até que a boa mãe entendeu, então se virou para a filha e disse: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

O pior para essa mãe era a descoberta da filha maldosa, olhava em silêncio ela e a loirinha em pé na porta, exausta. Então falou firme e calma para a filha: “você vai emprestar o livro agora mesmo”. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.”

Bom, e o que aconteceu depois? Não sei contar, eu estava tão tonta, e acho que assim que recebi o livro, saí sem falar nada e andando bem devagar, segurando o livro com as duas mãos contra o peito.

Não comecei a ler quando cheguei em casa, fiz como se ele nem estivesse lá. Escondia ele só para ter o susto de depois achá-lo. Depois de algumas horas, o abri, li algumas maravilhosas linhas e o fechei. Andei um pouco pela casa, matei um pouco de tempo comendo um pão com manteiga.

Sentava-me na rede com o livro aberto, sem o tocar, apenas olhando.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante.

ANEXO D

Escola Estadual de Educação Básica Pedro Nunes de Oliveira

Professora: Caroline Salgueiro – Turma: 301

Grupo Lima

Componentes: Camila, Danrléia, Eduardo e Kimberly

Felicidade clandestina

No Recife, havia uma menina filha de um dono de livraria que era gorda, baixa, de cabelos crespos arruivados e com sardas. Tinha uma aparência de mulher enquanto as outras ainda eram infantis e ingênuas. Não se importava com a leitura, e a menina menor ficava indignada, porque nos aniversários ela entregava um cartão-postal com as pontes mais vistas da cidade, em vez de um livrinho simples.

Ela talvez odiasse as meninas, tinha um dom natural para fazer o mal, já que elas eram altinhas e bonitinhas. Certo dia, ela falou que possuía *As renações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, deixando a menina na angústia de lê-lo que nem dava atenção ao desprezo que a outra tinha por ela, fazendo-a sempre insistir que emprestasse o livro.

A menina sonhava com o enorme livro, que não estava a seu alcance, porém no outro dia ela resolveu lhe emprestar, falando para passar na sua casa. Sendo esse um momento de muita esperança e felicidade.

No dia seguinte, ela chegou apressadamente à casa da menina, reparando que era uma casa totalmente diferente da dela. Mas o inesperado aconteceu, ela já não a convidando a entrar, olhou friamente em seus olhos e disse que havia emprestado a outra menina o livro, e que viesse amanhã novamente. Assustada, ela vai embora sem pressa, na expectativa de que no dia seguinte vai conseguir, e sai pulando pelas ruas de Recife.

As coisas não iriam melhorar, pois a filha do dono da livraria havia planejado tudo tranquilamente, e a crueldade era tanta que no outro dia a menina chegou sorrindo a sua casa, para ouvir que o livro ainda não estava com ela, e que voltasse outro dia. Essa situação se repetiu muitas vezes, e o livro nunca havia voltado, o tempo era indeterminado, e a menina que já estava aflita, às vezes ganhava desculpas diferentes, e se sentia cansada com toda essa situação triste.

Certo dia, lá estava ela novamente à porta da casa da menina, escutando outra recusa, quando chega sua mãe, que logo pede explicações a elas, pois não havia entendido a visita da menina todos os dias. No meio de um silêncio e poucas palavras, a mãe acaba entendendo, e fica apavorada com a filha que tem, falando que o livro nunca saiu de dentro da casa e ela nunca o quis ler. Logo após um momento de observação, a mãe disse decidida à filha que emprestasse o livro, e ela ainda poderia ficar com ele pelo tempo que desejasse.

A menina, pasma com a situação, sai da casa dela lentamente, sem dizer nada com o enorme livro entre os braços. Demorou a acreditar que segurava o livro que sempre quis nas mãos, ela o lia sem pressa para apreciar cada linha. Era uma forte felicidade clandestina, com orgulho e admiração, por vezes somente observava o livro sem encostar, com plena satisfação. E assim, não havia mais uma simples menina com um livro, mas uma mulher apaixonada por seu maior amor.

ANEXO E

Escola Estadual de Educação Básica Pedro Nunes de Oliveira

Professora: Caroline P. Salgueiro

Adaptação do Conto Felicidade Clandestina – Clarice Lispector

Grupo Melão

Franciele, Raquel, Bruno, Vitória

Felicidade Clandestina

Era uma guria gorda, baixa, com algumas sardas no rosto, de cabelos curtos. Tinha seios grandes enquanto os nossos ainda eram como pequenas laranjas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima dos seios, com balas. Mas tinha o que qualquer guria devoradora de histórias gostaria de ter: seu pai era dono de uma livraria.

Quase nem aproveitava e nós muito menos até para aniversário, ela nos dava um cartão postal da loja de seu pai. Ainda por cima era de paisagem de nossa querência amada Porto Alegre, com o pôr do sol do Guaíba mais do que visto. Apesar de achar lindo o lugar onde morávamos queríamos ganhar nem que fosse um livrinho barato.

Mas que talento tinha para ser ruim. Ela toda era pura vingança, dando gargalhas debochadas, Como essa guria devia nos odiar, nós que éramos tão bonitas, magras, altas. De maneira calma e feroz nos mostrou sua perversidade. Na minha vontade de ler eu fazia de conta nem ver as humilhações que ela me fazia, seguia implorando os livros emprestados que ela não lia.

Até que um dia resolveu começar a me torturar como que sem querer falava que tinha As Reinações de Narizinho de Monteiro Lobato.

Era um livro muito tri, mas tchê, um livro para ficar vivendo com ele, o devorando, cestiando ao lado dele. Me disse que se eu fosse em sua casa no dia seguinte ela , o emprestaria.

Até chegar a hora de ir buscar o livro eu era só alegria, como um alazão livre galopava campo a fora.

No dia seguinte fui a sua casa, literalmente troteando. Não morava em um chalé simples como eu e sim em uma grande casa. Não me mandou entrar , olhou no fundo dos meus olhos e disse que tinha emprestado o livro para outra guria e que eu viesse no próximo dia para buscar ele. Á comer moscas, saí devagar , porém logo a esperança tomava conta de mim novamente e eu começava a andar pulando, que era meu modo estranho de andar pelas ruas de Porto Alegre. Desta vez nem caí, era guiada pela certeza de que um dia teria o livro em minhas mãos.

O plano da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico, no dia seguinte quando estava eu na porta de sua casa, com um sorriso lá nas orelhas e o coração batendo forte, ela me disse que o livro ainda não estava em seu poder e que eu voltasse no próximo dia, mal sabia eu que esse drama de voltar no “próximo dia”, era só trova dela e que isso ia acontecer por muito tempo ainda. E assim continuou,por muito tempo. Eu ja começava a adivinhar que ela tinha me escolhido para sofrer, que não ia sossegar enquanto não descontasse em mim todo aquele amargo que tinha.

Eu ia todos os dias em sua casa, as vezes ela me dizia que o livro esteve com ela ontem a tarde, mas que eu só tinha ido de manhã e que assim tinha emprestado para outra guria, e eu que não tinha olheiras comecei a sentir olheiras se cavando em meus olhos espantados. Até que um dia quando fui em sua casa, apareceu sua mãe, ela devia ter estranhado a minha aparição diária na porta de sua casa, pediu explicação para nós duas , demorou mas conseguiu entender o que estava acontecendo e virou para a filha e com surpresa disse: mas guria, este livro nunca saiu daqui de casa e tu nunca quis ler. O pior para aquela mulher não era de saber que a filha dela não quis me emprestar o livro, finalmente o momento tão esperando por mim chegou ela disse firme para sua filha me emprestar o livro imediatamente e ainda por cima me falou que eu podia ficar com o livro por quanto tempo eu

quisesse, para mim aquilo valia mais do que qualquer coisa, imagina, pelo tempo que eu quisesse!

Não consegui dizer nada, peguei o livro e não saí pulando como de costume, saí caminhando bem devagar, segurava o livro com as duas mãos apertando em meu peito, o tempo que levei para chegar em casa pouco me importava, meu peito estava quente e meu coração pensativo.

Cheguei em casa e não comecei a ler, preferi fingir que não tinha o livro só para depois tomar aquele susto de ter ele em minhas mãos, horas depois li algumas linhas e fechei ele novamente, fui tomar um mate bem descansada, adiei mais indo comer um pão com ximiam, fingi que não sabia onde estava o livro, criei falsas dificuldades para aquela felicidade que era clandestina, e para mim sempre ia ser clandestina.

E eu não era mais uma gurria com um livro: era uma mulher com seu amante.